

OS ESTUDANTES MOVIMENTAM A CIDADE: O MOVIMENTO ESTUDANTIL EM MONTES CLAROS NA DÉCADA DE 1980

Andrey Lopes de Souza^{1}*

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar o Movimento Estudantil em Montes Claros, na década de 1980. Esse período foi marcado pela crescente industrialização e urbanização de Montes Claros, sendo que os estudantes secundaristas e universitários organizaram-se e posicionaram-se movimentando e ocupando diversos espaços na cidade.

PALAVRAS CHAVES: História Social. Movimento Estudantil. Montes Claros-MG.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the student movement in Montes Claros in the 1980s. This period was marked by the growing industrialization and urbanization of Montes Claros, and the high school and college students have organized and positioned themselves moving and occupying several spaces in the city.

KEYWORDS: Social History. The Student Movement. Montes Claros-MG.

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual de Montes Claros–UNIMONTES. Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia–UFU. Orientado pela profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos na elaboração da dissertação intitulada *Os estudantes movimentam a cidade: trajetórias, lutas e memórias do movimento estudantil em Montes Claros. 1980-1989*. Com bolsa pela Capes. Professor do Instituto Superior de Educação de Janaúba–ISEJAN e do Centro Especializado em Aulas Particulares-CEAP Alfa.

Os anos 1980 são lembrados como um momento de efervescência dos movimentos sociais urbanos. O findar dessa década é marcado mundialmente pela queda do muro de Berlim (1989) que, de certo modo, é referenciada como marco fundamental que expõe o suposto “fim das utopias” e das movimentações coletivas. Nesse caso, é necessário deslindar os movimentos sociais que ocorreram nesse momento, no Brasil, a fim de analisar o constante fazer-se desses movimentos em um período marcado por incertezas quanto ao futuro do país. Na presente produção foi escolhido o movimento protagonizado pelos estudantes, com objetivo de perceber as diversas formas assumidas pelo movimento na cidade. Como a história é um elemento fundamental para pensar o presente, concordo com Déa Fenelon² quando ressalta o direito à memória como uma reivindicação vital que é capaz de promover a diversidade e as diferenças. Esse exercício contribui para entendermos nossa sociedade, principalmente quando visualizamos o movimento dos estudantes, em que grande parte desses sujeitos hoje está em outros movimentos, lutas e espaços.

Nos anos 1980, Montes Claros³ possuía uma faculdade particular intitulada Fundação Norte Mineira de Ensino Superior–

² FENELON, Déa. Apresentação. In: MACIEL, Laura Antunes. et all. (Org). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D’água, 2006.

³ O município de Montes Claros, pertence ao Norte de Minas Gerais, contando, segundo o censo de 2006 com uma população de 58.8321 habitantes. No século XX, a cidade vivenciou movimentos migratórios e a industrialização. A chegada de novos moradores, mesmo que temporários, para Montes Claros ocorre desde a primeira metade do século XX, quando correntes migratórias vindas do noroeste de Minas Gerais e do Nordeste com destino ao Sudeste do país, em passagem por Montes Claros, acabavam aqui se instalando na cidade. O município era um ponto de parada para esses migrantes, sendo que, muitos deles, por não possuírem condições para prosseguir a viagem, que durava dias, acabavam por permanecer na cidade. Outro fator que contribuiu para a chegada de novos moradores na cidade foi a atuação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Esse órgão foi criado em 1959, pela Lei 3.902, sendo que a partir de 1963 o Norte de Minas foi integrado oficialmente à Área Mineira da Sudene – AMS – e à Área Mineira do Polígono das Secas – AMPS. Com os incentivos fiscais da SUDENE, várias indústrias foram instaladas na cidade, o que contribuiu para a urbanização de Montes Claros.

FUNM. Os universitários eram representados pelos diretórios acadêmicos que se organizaram em torno de cada uma das quatro faculdades, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Direito e a Faculdade de Administração e Finanças. O Diretório Central dos Estudantes–DCE era o órgão máximo de representação universitária. Dentre os secundaristas, os grêmios escolares representavam os estudantes, sendo que o Diretório dos Estudantes de Montes Claros–DEMC, era a entidade máxima de representação dos mesmos. Na década de 1980 esse ambiente constituía o lugar de enfrentamento das questões cotidianas relacionadas ao bairro, à educação, ao lazer e à saúde, sendo que, nesse momento, os estudantes lutaram e improvisaram formas de luta na disputa pelo direito à cidade e pela defesa da cidadania e pela democracia.

O fazer-se do movimento estudantil na cidade

“Eu fui o único expoente lá, o protagonista fui eu”. Essa foi uma das primeiras frases ditas pelo então candidato a vereador pelo Partido dos Trabalhadores – PT – em 2008, o professor universitário Gy Reis Gomes Brito, em entrevista realizada em sua casa em meio a uma incursão e outra pela cidade na busca por votos. Nascido em 1962, no município de Montes Claros, filho de costureira e barbeiro, Gy Reis hoje é professor universitário da Unimontes.⁴ Relembrar o período em que era estudante traz à tona anseios, desejos e sonhos de um momento de sua vida. O período de sua juventude adquiriu grande relevância no decorrer da narrativa, na medida em que o fato de ser hoje professor universitário e de alcançar uma condição social e econômica melhor que a dos seus pais representa para ele os frutos adquiridos a partir do seu trabalho e persistência.

A partir daí, ele (re)lembra do período de estudante secundarista, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980,

⁴ AFUNM foi transformada em Unimontes, em 1989, deixando de ser particular e passando a ser estadual.

“quando já participava de movimentos, de grupos de jovens, de pastorais da Igreja Católica”,⁵ e estudava na Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro, conhecida como Escola Normal, em que iniciou “a tomada da consciência política”. Ao interpretar um momento de sua vida, ele diz que mesmo “dentro daquela pouca consciência, a gente já tinha um compromisso com o proletariado, com os excluídos”. Isso que ele definiu como inclinação para os excluídos, possivelmente, deve-se ao fato de que “nós também somos oriundos dessa parte da sociedade excluída”. Ele fazia parte dos grupos de jovens que eram formados no âmbito de cada bairro e incentivados pelas paróquias, sendo inspirados pela ala progressista da igreja, a saber, a Teologia da Libertação. No Brasil, a Teologia da Libertação possuía uma geografia e uma rede de organização, que articulava diversos setores da sociedade. A existência de diversos grupos de jovens na cidade expressa a articulação dos estudantes com a Teologia da Libertação que era um fato recorrente no país e, como Montes Claros era a maior cidade da região, acabou por vir a ser um lugar estratégico para atuação desses grupos. Essa inclinação pelos excluídos que ele enfatiza se deve a sua ligação com a Teologia da Libertação nos grupos de jovens que defendiam a equação da fé com a política, com vistas a levar em consideração a desigualdade social e a promoção humana como questões importantes a serem debatidas.⁶

A satisfação pela condição que conseguiu alcançar perpassa toda a narrativa, bem como o orgulho por participar de diversos momentos que julga serem importantes na história da cidade: o início nos grupos de jovens da Igreja Católica no final dos anos 1970, que era formado por jovens que concluíam a Crisma

⁵ BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

⁶ O Norte de Minas, devido possivelmente às disputas de terra travadas principalmente na região de Jaíba e Cachoeirinha (atual Verdelândia), acabou por se tornar um lugar de forte atuação da Pastoral da Terra que era um dos braços da Teologia da Libertação. No terceiro item, tratamos de forma mais detalhada da relação Igreja e estudantes.

(Catequese), a participação como presidente do DEMC (maior órgão de representação dos estudantes secundaristas) – e do DA-FAFIL (Diretório Acadêmico–Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), além da integração em gestões da União Nacional dos Estudantes – UNE – e União Estadual dos Estudantes – UEE – que se revelam como conquistas importantes em sua vida:

Andrey: Participou do DCE?

Gy Reis: [...] Sim, fomos presidente do DA, do DCE. Participei foi em 85 e aí fui presidente. Participei como diretor da UEE, da UNE, de todas as instâncias. Eu cheguei a colar a *última divisa* n'ê? No sentido assim da *hierarquia* até a União Nacional dos Estudantes.

⁷ [Grifo nosso]

A narrativa é permeada de momentos díspares, pois, ao aceitar conceder a entrevista, não é mais o estudante dos anos 1980 que narra momentos de sua vida, mas um professor universitário, candidato a vereador pelo PT, na cidade de Montes Claros, que interpreta o que viveu. A entrevista foi realizada em meio à campanha municipal, por isso se percebe que o candidato, em alguns momentos, aparece com maior expressividade e, por vezes, de forma velada. Como Gy Reis, após sair da faculdade, ingressou no movimento sindical dos professores, sua fala, em algumas situações, também é do representante que fala do movimento. O tom de voz e a postura revelam seu posicionamento como a pessoa certa para falar do movimento, pois, afinal, o fato de ele ter integrado, em todos os níveis, as entidades estudantis da cidade e do país – “nós saímos de soldado e fomos até coronel” – seria supostamente a condição *sine qua non* que conferiria legitimidade à sua fala.

Muitos estudantes passaram pelos grupos de jovens da igreja, ingressaram em entidades de representação secundarista e, posteriormente, universitárias. Quando muitos deles ingressaram no ensino superior, já possuíam trajetória nos movimentos sociais

⁷ BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 ago. 2008.

na cidade, sendo que também já haviam tido contato com outros militantes de entidades de representação universitária. Além do mais, muitos deles pertenciam a grupos de militantes que, muitas vezes, eram ligados a partidos, como é o caso de Gy Reis Brito e Sued Botelho que se filiaram ao PT a partir de 1987. Logo que muitos desses estudantes chegavam à faculdade, o ingresso em grupos e a inserção nas discussões travadas na FUNM eram agenda de primeira ordem, visto que eles eram militantes, muitas vezes ligados a partidos, e estavam engajados em vários movimentos na cidade.

Os termos *divisa* e *hierarquia*, citados em sua fala, indicam a sua preocupação e satisfação por ocupar os diferentes espaços no movimento estudantil. Um caminho era perseguido pelos militantes no sentido de constituir as gestões dos grêmios estudantis secundaristas, DEMC, DA, DCE, UEE e, posteriormente, a UNE, que é o ponto máximo de representatividade dos estudantes. No início dos anos 1980, o Partido Comunista do Brasil – PCdoB –, a que Gy Reis era ligado, vivia na clandestinidade e o fato de ter um estudante que representasse o partido numa cidade de localização estratégica no Norte de Minas Gerais acabou por ser um fator preponderante. Assim, Gy Reis, no período de participação do DEMC, era ligado ao PCdoB, mas estava no Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB –, sendo que, posteriormente, em 1987, integrou-se ao PT. Essa trajetória indica um estudante que quando ingressou no ensino universitário procurou integrar grupos que já estavam formados nas faculdades. Como ele já possuía um grupo formado que era afeito a certo partido, logo esse trânsito para a faculdade era elaborado sob essas relações. Isso também aconteceu com Lipa Xavier, dentre outros estudantes que vieram de entidades secundaristas e continuaram a participar do movimento nas faculdades.

Em outro momento da entrevista, Gy Reis já havia dito que era comunista, mas “não da forma ideológica, aliás, não da forma pejorativa como aqueles estudantes que não tinham conhecimento nos tratavam, não daquela forma”. A leitura que configura esses estudantes afeitos ao discurso esquerdista, leitores de textos de cunho marxista, como baderneiros e inconsequentes revela um traço da propaganda anticomunista disseminada principalmente

pelos governos militares, instaurados no Brasil em 1964.

Nesse momento, as pessoas que usavam roupas vermelhas eram vistas como comunistas marcados com a roupagem de subversivos pelo aparelho repressor do Estado. Gy Reis afirma que a proposta de sociedade que propunham se baseava no comunismo, pois, entre suas propostas, estava a discussão da desigualdade social. Desse modo, quando perguntado sobre como a sociedade percebia o movimento estudantil e sua opção pelo comunismo, ele, ao interpretar o momento vivido, logo procura justificar sua participação e esclarecer que havia impressões equivocadas quanto ao comunismo.

Disputas de valores conferiam ritmos diferentes ao movimento e, por vezes, ruídos eram verificados nas ondas de frequência dialógica entre os sujeitos sociais que viviam na cidade. Esse preconceito quanto a essas ideias e grupos socialistas são descritos por Gy Reis que, em um momento da entrevista, falou sobre um episódio interessante:

Andrey: No caso da eleição do DA-FAFIL em que você se elegeu presidente, quem era oposição e a qual partido pertencia? Qual seu partido?

Gy Reis: Sim, na época, a gente tava ainda no PCB, mas dentro do MDB, que era uma grande frente política que tinha aqui, que era o MDB, é, nós estávamos ali dentro.

Andrey: Então, você era do PCB e depois migrou para o MDB?

Gy Reis: E, e, é em um período tava difícil continuar no PCB e aí nós migramos p'ra dentro do MDB, que era o Movimento Democrático Brasileiro, p'ra depois transformar em PMDB.

Andrey: Por que é que estava difícil continuar no PCB?

Gy Reis: Porque havia muita perseguição, n'ê? A sociedade não aceitava o partido comunista.

Andrey: Em 85?

Gy Reis: Sim. Também é. E aí a gente ia se esconder no MDB.⁸

⁸ BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 ago. 2008.

Essa fala indica formas, por vezes, surdas de uma correlação de interesses existentes no social. Valores que disputavam espaço e procuravam formas diversas de continuar sobrevivendo, em um território marcado pela negociação e pelo conflito. Por meio de negociações, alguns estudantes migraram para o MDB devido ao fato de que o PCB estava na clandestinidade. O MDB, no início dos anos 80, era uma frente que abarcava diversos grupos da esquerda. A busca por novos territórios de expressão política acontecia com a reformulação do repertório das ações estudantis, em um constante refazer-se do movimento. Essa foi uma trajetória comum de muitos dos sujeitos afinados ao discurso do PCB que, devido à clandestinidade do partido, acabaram por ingressar no MDB que aglutinava grande parte das oposições no momento. Na fala do entrevistado, ele procura atribuir sentido as suas experiências no presente. A forma como elabora sua trajetória não se resume à ordem cronológica, pois ele ao invés de falar que o PCB estava na clandestinidade no momento, acaba por falar em preconceito. É claro que o preconceito existia, mas na entrevista há uma mistura de tempos diferentes que se reportam a antes da volta do pluripartidarismo ocorrida em 1979 quando havia apenas dois partidos, o MDB (oposição) e Arena (situação) e ao ano de 1985, pós-Ditadura Militar, quando os partidos comunistas possuíam maior tolerância.

Então, ele se coloca no centro da narrativa como a pessoa autorizada para falar do movimento e, conseqüentemente, acaba por produzir conceitos e significados sobre o que vem a ser um movimento estudantil, o que merece ser lembrado ou não. Afinal, “eu e mais um grupo de colegas, e que *essa turma é que basicamente estava à frente do movimento estudantil, frente ao diretório municipal dos estudantes*”.⁹

Essa passagem é elucidativa na medida em que nos leva a perceber a fala do representante que se coloca à frente do movimento estudantil, visto que estava na direção do DEMC.

⁹ APGRGB (arquivo pessoal de Gy Reis Gomes Brito). Caderno de colagens. Jornal Mutirão. Notícia intitulada “*Estudantes querem passe escolar*”, 1984.

Esse é o conceito produzido de movimento estudantil vinculado à entidade ou, por vezes, chancelado por ela. Falar de projetos alternativos e movimentações que escapam ao controle das entidades poderia significar colocar em questão o alcance de sua representação e legitimidade como entidade representativa.

Houveram diversas manifestações empreendidas pelos estudantes na década de 1980, que expressam, tanto a luta pelo direito à cidade quanto a luta pelo direito à educação. A luta pelo meio passe constitui uma dessas lutas, principalmente em um dado momento em que Montes Claros vivenciava um processo crescente de urbanização e industrialização.

A luta do meio passe movimentou o DEMC nesse momento, tanto que foram produzidos vários materiais que são expressões da presença dos estudantes pela cidade. Naquele momento, o DEMC organizou pesquisa pelas escolas da cidade com o objetivo de apurar o número de estudantes que possuíam condições de utilizar o serviço de transporte coletivo. Foi publicada uma notícia intitulada: “Estudantes querem passe escolar”, em 1984, com falas do presidente do diretório Gy Reis Brito e fotografia do vereador Honorato do PMDB, no jornal Mutirão, que pertencia à prefeitura na gestão de Tadeu Leite. Como Tadeu Leite pertencia ao PMDB, percebemos o interesse da publicação do texto, visto que há uma referência à participação do prefeito em reunião dos estudantes.

O movimento vem sendo realizado de forma ampla, através dos meios de comunicação, de cartazes, faixas e folhetos, além de pregações em salas de aulas. Gy Reis, confiante, espera que os proprietários das empresas concessionárias se sensibilizem com o problema, argumentando que, com o desconto parcial, estudantes que até então se deslocavam para suas escolas a pé passarão a se servir de lotações, aumentando, assim o faturamento das empresas.¹⁰

¹⁰ APGRGB (arquivo pessoal de Gy Reis Gomes Brito). Caderno de colagens. Jornal Mutirão. Notícia intitulada *Estudantes querem passe escolar*, 1984.

O jornal Mutirão era ligado à prefeitura, o que explica a crítica às empresas de transporte coletivo urbano, a saber, a Transmoc e a Alprino. O texto exprime de forma clara a “insensibilidade” da empresa na não aprovação do meio passe, sendo que o prefeito, nesse caso, foi referenciado como o representante que esteve presente na reunião promovida pelos estudantes. Era, então, ventilada a ideia de que se o meio passe fosse aprovado haveria um aumento na passagem, o que prejudicaria os outros moradores que faziam uso dos ônibus. Por isso, Gy Reis ressaltou na passagem acima que se o meio passe fosse aprovado, estudantes que não se utilizavam dos “lotações” passariam a utilizá-los.

Em matéria intitulada *A Câmara não se emenda*, encontrada no caderno de colagens de Gy Reis Gomes Brito, cuja procedência e datação do jornal não foram identificadas, podemos perceber uma crítica do periódico quanto aos vereadores Geraldo Honorato e Sérgio Rocha, ambos do PMDB. No início, a proposta defenderia a isenção total das passagens, mas posteriormente a que foi defendida pelos vereadores e reivindicada pelos estudantes foi a de meia passagem. Na matéria, severas críticas foram tecidas aos vereadores defensores de que o artigo 83 da Lei Municipal número 1.477/1984 passasse a vigorar de forma a prever o meio passe aos estudantes a partir de carteira de identificação estudantil expedida por órgão competente, no caso, o DEMC. A defesa do meio passe pelos vereadores foi abordada como ato demagógico, que “resolveu mostrar ao povo sua cara de bonzinho”, ação que representava uma “pseudobononomia”. A proposta apresentada pelos vereadores citados, com previsão de que o meio passe abrangeria outras categorias, como as lavadeiras, idosos, “paraplégicos” e professores, foi vetada pelo prefeito municipal Luiz Tadeu Leite.

Em outras palavras propunham a falência das empresas concessionárias do serviço de transportes coletivos ou uma super inflação dos bilhetes a serem pagos pela maioria do povo não isenta. Acertou o chefe do executivo ao vetar tamanho disparate, só concebível num agrupamento de cabeças vazias [...] *convém*

esclarecer ao público leitor os defeitos da pretendida e refugada, isenção. Passando a emenda, as concessionárias procurariam compensar a perda real da arrecadação decorrente da não cobrança de passagens a professores, “paraplégicos”, estudantes, idosos, e lavadeiras. Bateriam as portas do Executivo propondo: a) subsídios na razão direta da queda de rendimentos; b) não sendo possível, a elaboração de novos cálculos que levassem em conta a redução do número de passageiros registrados por suas roletas.¹¹ (Grifo nosso)

A matéria publicada ocupou provavelmente a terça parte da página do jornal, o que indica um posicionamento do periódico. Como o tema envolvia interesses de diversos grupos, dentre eles da prefeitura e empresas concessionárias do transporte coletivo, é possível visualizarmos a correlação de forças nesse momento e, a partir do tom de crítica na passagem acima, perceber os compromissos expressos na matéria. O tamanho da matéria, a crítica ferrenha aos proponentes do projeto –“convém esclarecer ao público leitor os defeitos da pretendida e refugada, isenção” –, a tentativa de demonstrar sua suposta inviabilidade expressam o posicionamento do periódico, que não procura trazer nenhuma alternativa. Não identificamos o jornal, mas como há uma defesa clara do prefeito Luiz Tadeu Leite, pode ser que se trate do Jornal do Norte, visto que o Jornal Diário de Montes Claros era opositor àquela administração. Além do possível aumento dos preços dos ônibus que seria provocado com a aprovação do meio passe, foram questionados os critérios que seriam utilizados para prever quem seriam os beneficiados.

Assim como há idosos pobres, é certo que há entre eles os que podem pagar, assim acontecendo, também com os paraplégicos e estudantes. Por que o benefício da isenção a professores e lavadeiras, se na mesma penúria encontram-se outras faixas do

¹¹ APGRGB. Caderno de recorte e colagens. Matéria intitulada: *A Câmara não se emenda*, 1984.

operariado não visadas pela malsinada emenda?¹²

As duas passagens retiradas do jornal e citadas anteriormente expressam o tom crítico quanto à emenda, bem como aos seus autores. Ao final, foi ressaltado que a emenda preteriria outros setores, como os operários. Se a matéria já apontava a inviabilidade do projeto, pode ser que a menção a esses setores serviria de subsídio para tentar convencer o leitor de que a emenda não era possível. No mesmo caderno de recortes e colagens de textos publicados em jornais, um pequeno texto intitulado *Passo escolar* foi publicado em jornal não identificado.

Outra informação que vazou nos corredores da Prefeitura: o DEMC estaria defendendo o passe escolar apenas para poder emitir novamente suas carteirinhas de estudantes. Hoje sem essa regalia, aquela entidade estudantil se vê impossibilitada de qualquer receita própria. E com a emissão das carteirinhas, poderia novamente ter uma fonte própria de recursos. Esse tipo de receita, no entanto, é uma faca de dois gumes. Pois, como também pode matar, pode do mesmo jeito suicidar. Questão de visão...

CONTANDO OS NÚMEROS

Se o DEMC resolver emitir suas carteirinhas, terá aproximadamente dez mil estudantes interessados. Ao preço <<irrisório>> de Cr\$ 1 mil o DEMC teria em mãos Cr\$ 10 milhões para promover festas e olimpíadas. E ainda sobraria dinheiro, né?¹³

Nessa passagem, podemos notar o posicionamento crítico ao DEMC, sendo que a defesa do meio passe pela entidade é pontuada como interesse em virtude da renda que sua confecção proporcionaria ao diretório. Tanto é que, logo abaixo da nota sobre o *PASSE ESCOLAR*, outra nota realizou as contas de quanto a

¹² APGRGB. Caderno de recorte e colagens. Matéria intitulada: *A Câmara não se emenda*, 1984.

¹³ APGRGB. Caderno de recorte e colagens. Notícia intitulada *PASSE ESCOLAR*, 1984.

entidade ganharia com a venda das carteirinhas, expressando um teor duvidoso com relação aos interesses dos militantes do diretório.

No dia 16 de junho de 1984, foi realizada na sede do DEMC uma assembleia para discutir a questão do passe escolar. Em um convite elaborado pelos estudantes foi escrito que representantes de associações e sindicatos compareceriam ao evento. Em caderno de colagens de recortes de jornais e documentos, produzido por Gy Reis Gomes Brito na época em que estava à frente do DEMC, em 1984, a notícia *Associação de moradores apóia o passe escolar é evidenciada*. O texto faz referência à campanha dos estudantes secundaristas pelo direito de pagarem meia passagem nos ônibus. O presidente da Associação da Vila Oliveira e Mauricéia, Edmar Pereira Santos (profissional autônomo), “revelou que o objetivo de solicitar ao prefeito Luiz Tadeu Leite e aos vereadores para que o passe escolar se torne uma realidade, pois a maioria dos estudantes não tem condições de pagar lotações todos os dias”.¹⁴ Em notícia de jornal não identificado, intitulada *Associações de bairros querem pressionar Câmara e Prefeitura*, foi escrito que o presidente da Associação de Moradores das Vilas Mauricéia e Oliveira, Edmar Pereira Santos, estava apoiando o movimento. Assim como diretores de escolas, Conceição Mendonça, do Colégio Padre Chico – CBmoc –, e o irmão Eugenio, do Colégio Marista São José, que registraram apoio ao movimento e citaram outras cidades do Estado e do país que já tinham o passe escolar em funcionamento.

Desse modo, podemos perceber que vários grupos apoiaram o movimento e como o tema movimentou a cidade, uma vez que a aprovação do meio passe beneficiaria várias parcelas dos moradores. Constituía-se o contato dos estudantes com diversos outros movimentos, dentre eles as associações de bairro, que se uniram em lutas, indicando o correio de relações que havia entre

¹⁴ APGRGB. Caderno de recortes de jornais. Recorte de jornal, 1984. (Jornal não identificado)

os estudantes pela cidade. Em uma cidade que recebia cada vez mais novos moradores e crescia em extensão, a aprovação do meio passe facilitaria a locomoção para os bairros.

No Jornal do Norte, os meses de abril, maio e junho – momento de maior efervescência da luta pelo meio passe, como podemos notar pelo caderno de recorte e colagens de Gy Reis Gomes Brito – não puderam ser pesquisados, visto que os exemplares encontrados não estão em bom estado. A menção a essa luta na gestão de Gy Reis se deveu ao contato com o caderno de recortes e colagens produzido por ele, mas não encontramos outras menções no Jornal do Norte. Mesmo assim podemos perceber que a cidade foi bastante movimentada nesse momento, muito em função dessa luta, tanto que os estudantes, na maioria dos materiais produzidos por eles próprios, deixaram registrada a defesa da luta pelo meio passe.

Além da panfletagem realizada pelos secundaristas na cidade, com o objetivo de sensibilizar a comunidade quanto à luta pelo meio passe, outras alternativas foram utilizadas para divulgar feitos e arregimentar adeptos para o movimento. Foram realizadas passeatas e movimentações na Câmara Municipal com o objetivo de pressionar os vereadores a aprovarem a emenda. Na fotografia abaixo, que está colada no caderno de Gy Reis Gomes Brito, podemos visualizar a passeata dos estudantes pelas ruas da cidade.



FIGURA 1 - Fotografia de manifestação dos estudantes secundaristas na luta pelo meio passe realizada no ano de 1984. Fotografia do arquivo particular de Gy Reis Gomes Brito. Rua Governador Valadares Centro de Montes Claros.

Na fotografia, os estudantes aparecem com faixas e cartazes, alguns estão com pastas escolares nas mãos, o que indica que eles realizaram a passeata no horário escolar. Os estudantes ocuparam ruas da cidade, o que dificultou o trânsito e promoveu maior divulgação do movimento na cidade. Alguns estudantes fazem pose para tirar a foto, enquanto um deles ergue os braços e cruza os pulsos. Não sabemos ao certo o significado desse gesto, que pode representar talvez amarras que os estudantes possuíam em virtude de que moravam longe da escola, o que se apresentava como uma dificuldade enfrentada para concluir os estudos secundários ou uma evocação ao sinal de luta do punho fechado e erguido.

Em reportagem intitulada *Nardel: Lugar de baderna é na rua, não no Legislativo*, que não possui referência do periódico e datação e se encontra no caderno de colagens de textos produzido por Gy Reis, foi explanado sobre reunião da Câmara Municipal em que houve

presença dos estudantes. A reportagem teve destaque no jornal, ocupando quase um terço dele. O presidente da Câmara Municipal José Nardel de Almeida afirmou que nas próximas reuniões na instituição poderia haver no máximo seis estudantes. A reportagem foi dividida em três partes: a primeira, com uma pequena introdução; a segunda intitulada *REPRESSÃO*; e a terceira, *CONTRA O PROJETO*. O presidente da Câmara ressaltou a “baderna” realizada pelos estudantes, e na segunda parte foi publicado que:

Não haverá policiais no prédio da câmara, mas a polícia estará de sobreaviso para atender de imediato qualquer chamada urgente da presidência do Legislativo. Para isso, o vereador José Nardel vai se encontrar nas próximas horas com o comandante do 10 Batalhão de Polícia Militar, Ten-cel. Flavio Prats, a quem pedira apoio para garantir a integridade do Legislativo. ‘Não vou por soldado na Câmara, mas algumas medidas preventivas estão sendo tomadas, pois a bagunça que ocorreu nas últimas reuniões eu não aceitarei mais’. ¹⁵ (sic)

Embora se afirme integrante de um partido de oposição que defende a “liberdade do povo”, enfatiza que não concorda com a bagunça realizada pelos estudantes e afirma que é contra o projeto, pois sua aprovação acarretaria o reajuste dos preços das passagens. A presença dos policiais na reunião representa a correlação de forças e interesses em jogo no movimento do meio passe.

Esse movimento foi organizado pelo DEMC, que produziu os panfletos. Embora os interesses e valores trazidos por esses estudantes viessem a ser diferentes – o meio passe inclusive possui representação distinta na vida de cada um deles – a fotografia anterior expressa que o movimento, ainda que organizado pela direção da entidade, ganhou legitimação perante a sociedade com a participação e aprovação de diversos segmentos.

¹⁵ APGRGB. Caderno de recortes de jornais. Reportagem *Nardel*: Lugar de baderna é na rua, não no Legislativo, 1984.

A entidade estudantil, em alguns momentos, passa a se confundir com o movimento estudantil em um processo mutualístico quando ela é uma das expressões do movimento. Ela incorpora projetos, interesses e sonhos acalentados pelos estudantes, mas o que cada um desses anseios significa e como eles repercutem na vida dessas pessoas é ressignificado em palavras de ordem e agendas políticas. Pensar o movimento a partir de um conjunto articulado de reivindicações, projetadas pelas entidades como lutas históricas dos estudantes, engessa as experiências vividas por esses sujeitos sociais, bem como chancela o cotidiano como o lugar onde nada acontece.

Embrenhar em um sentido de movimento estudantil, que vai além da entidade, mas que leve em consideração os anseios, sonhos e melhorias desejadas na vida desses estudantes, é um desafio. Nesse sentido, como nos alerta Yara Khoury, “mais do que buscar dados e informações nas fontes, nós as observamos como práticas e/ou expressões de práticas sociais através das quais os sujeitos se constituem historicamente”.¹⁶ Dessa maneira, pensamos a utilização das fontes, dentre elas as orais, como ato interpretativo em que o momento de sua produção é importante, pois expressam formas de como os sujeitos se constituem historicamente.

A constituição desses sujeitos no tempo se deu, sobremaneira, com o fato dos mesmos vivenciarem no cotidiano as tribulações enfrentadas na cidade, como falta de asfalto, saneamento básico e infraestrutura.

Juntamente com a chegada desses migrantes, houve o surgimento de novos bairros e novas associações de moradores na cidade. Muitos desses migrantes que chegaram a Montes Claros logo conseguiram emprego, posteriormente, trouxeram outros familiares para morar na cidade e integraram os diversos espaços dos bairros, reivindicando melhorias para as ruas esburacadas e para o saneamento básico.¹⁷

¹⁶ KHOURY, Yara Aun. *Narrativas orais na investigação da História Social*. Projeto História. São Paulo, n. 22, jun. 2001, p. 81.

¹⁷ Ver: VELOSO, Cândida Maria dos Santos. *Outros modos de viver: pobreza*

Pedro Júlio Procópio, em entrevista realizada em julho de 2009 em uma casa na Vila Brasília, localidade em que foi vice-presidente da associação no final dos anos 1980, falou sobre o anseio de mudança vivenciado por ele e seus pares:

Andrey: Em que bairro você morava? [...] Você participava de associação de bairro? [...]

Pedro Procópio: [...] E eram pessoas que se preocupavam, que se incomodavam com as questões todas, n'ê, da cidadania. De tudo n'ê? Do governo do estado. Então, em tudo a gente procurava de alguma forma estar manifestando. Então, nós, além do movimento estudantil em si, n'ê, a gente se incomodava com todas as coisas. Na época nós éramos universitários e politicamente ativos. A gente não concordava com muita coisa e manifestava esse desconforto. Tanto dentro da faculdade, que ainda não era universidade, quanto na cidade.¹⁸

Montes Claros passava por um crescente processo de urbanização e os seus problemas estruturais eram percebidos, pois a cidade não tinha a preparação para receber os novos moradores vindos principalmente do campo. De acordo com o que acompanhamos nas reportagens dos jornais e na entrevista com Nivaldo Cardoso, mesmo bairros próximos ao centro passavam por problemas estruturais, como Morrinhos que, assim como Vila Brasília, não possuía saneamento básico, asfalto e esgoto.

O senhor José Nivaldo Cardoso, que participou do movimento estudantil secundarista nos anos 1970, foi um dos fundadores do PT em Montes Claros e foi presidente da Associação do Bairro Morrinhos. Em entrevista em julho de 2009, quando perguntado sobre o bairro, falou um pouco sobre como era naqueles anos.

urbana em Montes Claros (1960-1980). 2002. 185 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

¹⁸ PROCÓPIO, Pedro Júlio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de julho de 2009.

Ele disse que as ruas, todas, não eram asfaltadas, com a luz “muito fraquinha”: “Esse Bairro Morrinhos, muito pequenininho, sabe? Cresceu de um tempo p’ra cá n’ê? E Montes Claros sofreu um inchaço, n’ê? Cresceu sem infraestrutura, n’ê? [...] Só tinha o centro da Matriz, ali. E, aqui, o Morrinhos, poucas casinha”.¹⁹ Ele disse ainda que o Morrinhos chamava-se Morro Dona Germana. E afirmou que, em meio a todas essas dificuldades, o PT foi fundado em Morrinhos, tudo começou com ele, que, também, foi um dos criadores do bloco de rua Feijão Maravilha.

Essas eram formas de integração da cidade, ora pelo viés da disputa pela reivindicação com a associação e, posteriormente, com o partido, ora por meio da diversão com a criação de um bloco de rua que animava o bairro quando chegava o carnaval.

Júlio Procópio relata que, apesar de a Vila Brasília localizar-se numa região relativamente central,²⁰ possuía todos os problemas como os outros bairros afastados do centro. Dentre os problemas, a questão da falta de asfaltamento das ruas, saneamento urbano, “cachorro na rua”, “muriçoca”, loteamentos, buracos nas ruas, segurança pública, lazer e outros compunham a lista de reclames. Ele disse que a maioria dos estudantes que integravam as entidades estava engajada ora nas comunidades, ora nos sindicatos.

¹⁹ CARDOSO, Nivaldo José. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 09 de setembro de 2009.

²⁰ O Bairro Vila Brasília localiza-se na região centro-oeste que, na década de 1970, era uma região de classe média alta, onde residiam fazendeiros, médicos, advogados, engenheiros e chefes políticos. A região abrangia os bairros Todos os Santos, São Luiz, Melo e Santa Maria, todos dotados de boa infraestrutura. Com a ocupação de espaços vazios à margem esquerda do Rio Vieira, surgiram três novos bairros: Vila Brasília, Vila Três Irmãos e Vila Santo Antonio. Conforme Leite e Pereira, o padrão de renda dos moradores dessa região praticamente permaneceu o mesmo, exceto a população desses novos bairros que são considerados bairros de classe média baixa. LEITE, Marcos Esdras; PEREIRA, Anete Marília. A expansão urbana de Montes Claros a partir do processo de industrialização. In: PEREIRA, Anete Marília; ALMEIDA, Maria Ivete Soares de. (Org.) *Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais*. Montes Claros: Unimontes, 2004.

Como esses estudantes sabiam das dificuldades enfrentadas nos seus bairros, pois todos os dias se deparavam com os problemas citados acima, eles procuravam integrar esses espaços e lutar pelo direito de construir uma cidade diferente. Tanto que, “na época a gente trabalhava em função de conseguir uma quadra poliesportiva, uma pracinha mais organizada”. Diferentes espaços de mobilização por conquistas – “para toda a comunidade, todo o bairro, toda a cidade” –, e maneiras articuladas de organização coletiva – “muitas vezes se a comunidade não entra em acordo, n’ê, em conjunto, e reivindica, acaba passando batido, n’ê?”.²¹

Os jornais que circularam na cidade no período publicaram diversas notícias sobre essas dificuldades enfrentadas pelos moradores dos bairros de Montes Claros, sendo que nesse momento os seus representantes se dirigiam ao poder instituído para reivindicar melhorias. Nesse ritmo, os estudantes movimentavam a cidade, reivindicando e lutando por um lugar que julgassem digno de viver. Não se tratava apenas de estudantes, mas filhos de trabalhadores e trabalhadoras, moradores da cidade, que construíam diferentes relações nos bairros e vivenciavam os problemas da cidade no cotidiano.

As histórias de Pedro Júlio Procópio e Nivaldo José Cardoso se cruzam com outras na constituição dos movimentos sociais em Montes Claros, haja vista que, a partir dos materiais referenciados aqui, podemos visualizar como elas compõem, “na multidão de trajetórias as mais díspares”, uma presença importante dos estudantes na constituição do espaço urbano. Ao longo dessas trajetórias que vieram dos grupos de jovens da Igreja, passaram pelo movimento secundarista, grupos ligados à produção da arte, partidos, movimento universitário, sendo que hoje muitos deles compõem sindicatos e outros movimentos sociais na defesa do direito do professor, da mulher e outros, esses sujeitos transitam pela cidade, constituem

²¹ PROCÓPIO, Pedro Júlio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de julho de 2009.

práticas, elaboram reivindicações, defendem interesses e expressam suas vontades, constituindo-se nessas lutas.²²

A terceira página do Jornal do Norte, que geralmente era o lugar dedicado aos assuntos da “Cidade”, retrata alguns dos problemas vividos pelos moradores de Montes Claros nos anos 1980. Publicado no dia nove de novembro de 1989, na sexta-feira,²³ esse periódico, especialmente nessa página, indica outra face de uma cidade que, supostamente, teria sido agraciada com as benesses da industrialização e da urbanização, proporcionada principalmente desde os anos 1960, com a integração do Norte de Minas à Área Mineira da SUDENE. A fotografia da referida página do jornal serve de subsídio para analisarmos a relação entre o jornal e a cidade, bem como uma das formas por que os sujeitos sociais que vivem no município são representados nas páginas da imprensa.²⁴

²² SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

²³ APAMF(Arquivo Pessoal de Américo Martins Filho). Jornal do Norte, 10 de novembro de 1989, p. 03.

²⁴ As reflexões apresentadas acerca da imprensa são fruto de discussões realizadas na disciplina Seminário de Pesquisa da Linha de Pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais” do mestrado em História Social da UFU, que foram problematizadas pela prof^a. dra. Marta Emísia Jacinto Barbosa e incorporadas na escrita do texto. BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. Famintos do Ceará. In: FENELON, Déa Ribeiro *et al.* (Org.) *Muitas memórias, outras Histórias*. São Paulo: Olho D`água, 2004, p. 94-115. Ver: CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. Projeto História. São Paulo, n. 35, jul/dez, 2007, p. 255-272. WILLIAMS, Raymond. *A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica*. Projeto História. São Paulo, n. 35, jul/dez 2007, p. 15-26.



FIGURA 2 - Fotografia da quinta página do Jornal do Norte, dedicada aos assuntos da cidade, publicado no dia 10 de novembro de 1989 e encontrado para pesquisa no Arquivo Particular de Américo Martins Filho.

A primeira reportagem, intitulada “Muriçocas só serão extintas com saneamento nos córregos”, que recebeu grande destaque nessa página diz respeito a um dos problemas que incomodavam os moradores, principalmente ao entardecer, momento esse que as “muriçocas” adentravam suas casas. Abaixo do título da reportagem está uma fotografia do Córrego das Melancias que se localiza entre os atuais bairros Monte Carmelo I e II.

Logo abaixo estão as notícias sobre o movimento da Central Única dos Trabalhadores – CUT – em Montes Claros, que promoveu o dia contra o pagamento da dívida externa e do aumento do custo de vida, que havia sofrido aumento de 3,46% em setembro. No canto direito da página está o “Canto político”, que menciona os assuntos da política local, como eleições, coligações partidárias, candidaturas e gestões políticas. Na notícia “Arnaldo

Maravilha” foi escrito que: “O rei momo Arnaldo Maravilha, figura exótica e alegre das proximidades do café galo, trabalha calado para candidatar-se a vereador em 1992. Quer representar o bairro JK na Câmara”.

A primeira reportagem, intitulada “Muriçocas só serão extintas com saneamento nos córregos”, é visível em letras grandes, e acompanha-se de outra, logo abaixo em que está escrito que “moradores reclamam contra quebra molas”:

Moradores da Rua Professor Antônio Fonseca, que liga a Vila Brasília ao bairro Santos Reis [...] No final do ano passado sem a observância dos requisitos mínimos de urbanização [...] Voltam contra os perigos que a via pública está impondo atualmente aos populares que dela fazem uso. Além de não possuir calçadas laterais para o trânsito de pedestres, a Rua Professor Monteiro Fonseca recebeu agora três quebra molas [...] Não tendo a prefeitura o necessário espaço de instalar nos locais a mínima sinalização e que tem colocado em risco os motoristas que a trafegam.²⁵

Foi explanada a situação da falta de saneamento básico e o esgoto a céu aberto, que contribuía para proliferar o número de “muriçocas” na cidade: “O secretário municipal de Planejamento, Petronilho Narciso, declarou ser preciso que a população se conscientize que não será com inseticidas que a Prefeitura de Montes Claros vai resolver o problema da proliferação de muriçocas no município.” O descaso quanto ao saneamento básico na cidade foi um fator evidente nos bairros, tanto que o problema das “muriçocas” na Vila Brasília foi lembrado por Pedro Júlio Procópio na entrevista realizada em 2009 e enfrentado por ele quando vivia nesse bairro – ressaltando-se o fato de ele ter sido vice-presidente da associação de moradores. Na reportagem acima citada, observamos afirmação do Secretário de Planejamento sobre o objetivo de “fôlego” de implantar interceptores sanitários em pontos estratégicos de maior densidade demográfica na

²⁵ APAMF. Jornal do Norte, 10 de novembro de 1989, p. 03.

cidade: a ligação do Bairro Ibituruna à Avenida Sanitária, “no trecho onde vai situar-se o ‘Rio parque Guimarães Rosa’, ou seja, a partir da ponte que leva ao parque do Sapucaia até a ponte do Bairro Ibituruna, e no córrego ‘melancia’, a partir do Bairro Santo Antônio até o Interlagos”.²⁶ Esse constituía um dos caminhos da geografia da cidade com problemas estruturais, mencionada pelo representante de Planejamento Urbano da Prefeitura.

A entrevista com Pedro Júlio Procópio em conjunto com essa página do Jornal do Norte indica faces da cidade de Montes Claros. Cada fonte possui sua particularidade, constituindo-se de linguagens que podem ser compreendidas a partir do lugar social de suas produções. A imprensa cotejada com a entrevista serve de subsídio para compreender as formas que a cidade foi e/ou é vista, representada e sentida pelos diversos sujeitos produtores de memórias. Na entrevista, Pedro Júlio Procópio interpreta o que viveu e se coloca como o vice-presidente da associação do Bairro Vila Brasília que enfrentou suas dificuldades e seus problemas na disputa pela cidade, por condições melhores de vida, ao mesmo tempo em que era universitário e envolvido com a militância estudantil na FUNM. Já a reportagem do jornal não evidencia a existência de associações de moradores dos bairros que lutam por condições melhores de vida, como no caso das “muriçocas” na Vila Brasília, citadas tanto na entrevista com Pedro Procópio quanto pelo periódico. Desse modo, percebemos a existência de bairros dentro do bairro, tal qual cidades dentro da cidade.

Os sujeitos sociais são tratados de forma despersonalizada: no início da primeira reportagem, foi escrito que “*moradores* da Rua Professor Antônio da Fonseca que liga a Vila Brasília ao Santos Reis”; no parágrafo seguinte, “segundo os *moradores*, os quebra-molas vieram deixar ainda mais perigosa a referida via pública para os pedestres”; e, depois, “seus motoristas muitas das vezes perdem o controle da direção e se [...] abruptamente com os *transeuntes*” (grifos nossos). Palavras como “*moradores*” e “*transeuntes*” são utilizadas para intitular os sujeitos que vivem

²⁶ APAMF. Jornal do Norte, 10 de novembro de 1989, p. 03.

nos bairros. Nomes genéricos que despessoalizam sonhos e despotencializam a luta pela cidade, sendo que as opiniões dos reais afetados por essas tribulações da cidade não são referenciadas de forma nominal.

A luta pela cidade não circunscrevia o movimento estudantil ao bairrismo regional, pois a luta pela cidadania e a democracia era ampla, exigindo a conquista de outros espaços, bem como de uma luta que estivesse engajada com outros processos e manifestações existentes em outras regiões do país. Assim como se constituíam laços entre os estudantes e outros moradores na cidade de Montes Claros, a partir da articulação entre diversos espaços de organização política, constituíam-se também o esforço de contato entre os estudantes do Brasil e, em menores proporções, com outros países do mundo.

Outras lutas mobilizaram o movimento estudantil brasileiro na busca pela defesa dos seus direitos e os estudantes de Montes Claros incluíram-se nelas. As arbitrariedades da Ditadura foram questionadas pelos estudantes. No Jornal do Norte, de março de 1984, encontrado em pasta de recortes de jornais intitulada “Denúncias”, na DPDOR,²⁷ foi anunciado que aproximadamente mil e quinhentos universitários iriam participar de uma passeata no centro da cidade pelas eleições Diretas. Conforme o presidente do DCE naquele ano, Benedito de Oliveira Gonçalves, os universitários marcaram para se concentrar próximo à FAFIL,

a partir das 15 horas quando serão elaborados cartazes, faixas e outros tipos de manifestações, assim como também um ‘caixão’ das indiretas a ser carregado durante a manifestação que acabará no ‘cimentão’, onde será realizada a grande manifestação nortemineira pelas eleições diretas.²⁸

Em outra ocasião, menos de dois meses depois, em outro recorte da mesma pasta de colagens, encontramos uma notícia

²⁷ Divisão de Pesquisa e documentação Regional.

²⁸ DPDOR. Recorte do Jornal do Norte, 17 e 18 de março de 1984.

em que o Jornal do Norte divulgou uma vigília realizada pelos estudantes na Câmara Municipal, com o objetivo de conseguir as eleições diretas:

Presente a vigília feita pelos universitários na Câmara dos vereadores, pelas eleições diretas, o assessor de imprensa da FUNM, Elton Jackson Gomes da Motta, anunciou ontem, que as denúncias feitas por alguns vereadores, tachando os universitários de vândalos, não tem fundamento, pois não foram os responsáveis pela anunciada bagunça.²⁹

É, pois, possível perceber algumas formas de inserção dos estudantes montes-clarenses na campanha pelas eleições diretas. O caixão das “indiretas”, assim como uma vigília em frente à Câmara Municipal, indica formas de luta contra o poder instituído. Na passagem acima, indica-se que os universitários foram taxados de vândalos por alguns vereadores, o que pode ter contribuído para a produção de impressões negativas sobre os estudantes perante a sociedade, embora o assessor da FUNM tenha afirmado que as denúncias não apresentassem fundamento. A tensão dessas relações é evidenciada no posicionamento do vereador que foi ao encontro da imprensa e publicizou sua opinião contra os demais. Os reais interesses envolvidos nessa situação não podem ser compreendidos em sua plenitude, mas percebemos as disputas e formas de pressão e limites que eram utilizados por diversos sujeitos sociais em uma via de mão dupla.

A luta pelas Diretas Já ganhou força no ano de 1984, ocorrendo em diversas cidades brasileiras manifestações pelo fim das eleições indiretas. Marco Aurélio Garcia, em artigo intitulado “São Bernardo: A (auto) construção de um movimento operário” teceu considerações instigantes para analisarmos o movimento pelas Diretas Já. Ao analisar o movimento operário, ele afirmou que sua análise não parte de “causas estruturais”, compreendidas como formas racionais que se encontram fora do mesmo.

²⁹ *DPDOR*. Recorte do Jornal do Norte, 03 de maio de 1984.

Para ele, o movimento operário não é o reflexo de “estruturas” econômicas ou políticas. “Ele se autodetermina; sua racionalidade está no seu interior, na forma pela qual ele faz (e se constitui na) história, isto é, na luta de classes”.³⁰

Esse suposto apresentado por Marco Aurélio Garcia nos revela ser de grande valia, na medida em que nos instiga a pensar as lutas pela melhoria quanto à educação, dentre elas a luta pelo meio passe e pela estadualização ou federalização da FUNM, não como reflexo de “estruturas” econômicas ou políticas. Pensar as movimentações estudantis a partir de projetos e desejos vivenciados e compartilhados pelos estudantes nos leva a pensar quais utopias moviam e movimentavam esses sujeitos sociais na sua constituição na história, isto é, na luta de classes. Todas essas reivindicações estudantis mencionadas ao longo desta produção não dizem respeito apenas à lógica econômica dos custos e benefícios, mas vão ao encontro das lutas pela democracia e pela cidadania no país. No que toca à batalha pelas Diretas Já, as diversas lutas empreendidas pelos estudantes não deixam de possuir ligação com as movimentações contra a Ditadura Militar.

O artigo de Marco Aurélio Garcia ainda traz outros elementos interessantes para pensarmos esse momento. O autor destaca a forma reveladora pela qual o discurso oposicionista reage aos acontecimentos no ABC Paulista, pois a classe operária foi assimilada ao projeto liberal de “redemocratização” e passou a ser visto como uma variável desse processo, “o mais novo componente desta sociedade civil onde as classes se diluem, onde todos os gatos são pardos”. O movimento oposicionista aproveitou-se das brechas abertas no rígido edifício da Ditadura:

Mas o fato de suas lutas aparecerem com o objetivo de atendimento de reivindicações imediatas – salários, condições de trabalho, etc. – permitiu, no entanto, que o discurso oposicionista realizasse uma extraordinária operação de apropriação indébita:

³⁰ GARCIA, Marco Aurélio. *São Bernardo: A (auto) construção de um movimento operário*. Revista Desvios. n. 01, nov. 1982, p.10-27.

o movimento operário passou a ser simplesmente considerado como uma aquisição de frente democrática pelo restabelecimento do Estado de Direito. As reivindicações operárias – ‘específicas’ – se transformaram na particularidade de um projeto democrático-burguês de reorganização social e política do país, apresentando como mais ‘amplo’, mais ‘geral’.³¹

Essa passagem do artigo de Marco Aurélio Garcia é significativa na medida em que nos instiga a pensar que a luta pela estadualização ou federalização da FUNM não constitui uma reivindicação exemplificada a partir de um projeto democrático-burguês. As considerações apresentadas nos levam a pensar as movimentações estudantis como parte constitutiva do processo de constituição e instituição dos estudantes na cidade, isto é, na correlação de forças entre os diversos moradores da cidade.

Nessas presenças e lutas empreendidas pelos estudantes, (des)venturas produzem e formulam significados para o viver e o disputar a cidade. Um outro tema que afligiu os estudantes de Montes Claros nos anos 80 está relacionado com a problemática ambiental. Em novembro do ano de 1987, os jornais locais começaram a divulgar que o governo federal havia escolhido a cidade de Montes Claros para sediar um “depósito de lixo atômico”, em virtude das decisões do Conselho Nacional de Energia Nuclear – CNEN. A notícia chamou a atenção da comunidade local e lideranças políticas, estudantis e artísticas da cidade protestaram contra a implantação do depósito. O assunto ganhou tamanha importância na cidade que os estudantes do teatro de rua realizaram uma peça teatral no intervalo das aulas na FAFIL, conforme foi dito por Pedro Júlio Procópio na passagem citada logo acima.

A maior das manifestações contrárias à decisão do governo

³¹ GARCIA, Marco Aurélio. *São Bernardo: A (auto) construção de um movimento operário*. Revista *Desvios*. n. 01, nov. 1982, p.10-27.

federal começou no prédio da FAFIL, atual Unimontes. Na ocasião, puderam ser lidas em faixas as seguintes frases: “Não ao lixo atômico”, “Lixo Atômico, não. Educação”, “Lixo Atômico aqui? Nunca!!!”

Do DA FAFIL, os universitários, juntamente com um ou dois professores universitários, acompanhados ainda de Raimundo Avelar saíram em direção a rua Dona Eva com destino a rua Simeão Ribeiro (quartirão do povo), passando pela rua Governador Valadares, alcançando a Doutor Santos até a praça Coronel Ribeiro. Em volta do canteiro central, todos deram as mãos e protestaram contra o lixo atômico. Desceram em seguida para o colégio Indyu, seguindo depois a Doutor Veloso de volta para FAFIL. Às 10h30 encerraram a manifestação.³²

A luta contra o lixo atômico acabou por reunir toda a sociedade montes-clarense. Conforme os periódicos, não só a região, mas o estado de Minas Gerais não gostou da decisão. Os artistas locais se reportaram ao pequi,³³ um dos símbolos da “identidade norte-mineira”, no discurso contrário ao depósito, e difundiram a frase: “Lixo atômico não, pequi neles”. Os estudantes, secundaristas e universitários, tiveram papel de destaque nas manifestações de repúdio a tal depósito, conforme se lê na edição do Jornal do Norte, do dia 20 de dezembro de 1987:

Com uma participação prevista de mais de duas mil pessoas, a passeata estudantil contra o lixo será iniciada hoje, às 8 horas, na praça Doutor Carlos, com a presença dos membros do Diretório dos Estudantes de Montes Claros-DEMC, que são os organizadores do

³² *DPDOR*. Recortes do Diário de Montes Claros 18 de novembro de 1987, p.11.

³³ Pequi é o fruto do pequizeiro – árvore nativa do cerrado – que serve de base para diversos pratos da culinária norte-mineira. Devido ao seu relevante espaço na dieta e na economia regional, e por ser fruto de uma árvore que floresce em um bioma de clima seco e quente, o Pequi acabou se transformando em um símbolo marcante de identidade das populações locais e da luta contra o desmatamento do cerrado.

protesto, diretores de várias escolas da comunidade, autoridades públicas municipais e representantes dos órgãos estudantis universitários.³⁴

A temática do “Lixo atômico” contribuiu para aproximar estudantes universitários e secundaristas, corroborando para diminuir a indiferença com que os membros das entidades das faculdades locais tratavam aqueles que ainda não estavam no ensino superior. Foram poucas as ocasiões em que ambos se uniram em torno de um objetivo comum, o que expressa como se davam as relações vividas por eles. Eurípedes Xavier fala dessa indiferença e conclui que

as pessoas da universidade, do DCE e das entidades de ensino superior, tinham um certo preconceito com relação ao DEMC. Assim, até por entender que estavam num patamar superior [...]. E olhavam assim meio de esguilha para os estudantes secundaristas, pro pessoal do DEMC.³⁵

A bandeira contra o lixo atômico foi levantada por diversas escolas montes-clarenses, da rede pública ou particular. Nas passeatas ocorridas na cidade, os estudantes dos colégios Biotécnico, Polivalente, Normal, Felício Pereira, Benjamim Versiani, São Norberto, CB-Moc, Dulce Sarmiento e Alcides Carvalho registraram presença. Desse modo, a sociedade montes-clarensense se uniu contra o depósito, com a participação de secundaristas, universitários, professores, políticos, artistas, trabalhadores, dentre outros.

Marcos Fábio, depois que foi perguntado sobre o movimento, ao relembrar desses episódios, interpretou o que aconteceu e disse que: “teve uma grande passeata pela cidade que quase se aproximava de uma procissão dada às luzes, as formas, pelo

³⁴ APAMF. Jornal do Norte, 20 de dezembro de 1987, p. 07.

³⁵ XAVIER, Eurípedes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

silêncio, mas uma manifestação muito grande que conscientizou muita gente”.³⁶ A descrição do acontecido indica os significados atribuídos a esse fato na história da cidade que, ao ser equiparado a uma procissão, quer se colocar como uma luta compartilhada pela sociedade em um clima harmonioso e, de certa forma, aproximando-se de um evento religioso. Posteriormente, ao lembrar desse episódio, o entrevistado interpreta o que viveu e atribui outros significados a essa experiência.

Márcia Beatriz também comentou sobre a vinda do depósito. Após tecer alguns comentários sobre o divisionismo existente entre os estudantes – os saudosistas dos anos 1960 que queriam o confronto direto e os que preferiam o diálogo –, ela elenca o episódio como uma das manifestações mais importantes do movimento estudantil:

É, existia uma discussão do lixo, de um lixo atômico, n'ê, vir p'ra Montes Claros. E aí nós fizemos o abraço simbólico na praça Doutor Carlos, cantando Rosa de Hiroshima. Então, assim, essa foi uma das maiores manifestações que a gente fez. Fazíamos protestos, mas nunca tivemos acirramento. Assim como o pessoal da Ditadura, n'ê, da época.³⁷

A música “Rosa de Hiroshima” foi incorporada pelos estudantes, por simbolizar o sofrimento vivido pelos japoneses após a queda das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki durante a II Guerra Mundial. Como esse fato ainda era recente e completava pouco tempo que havia ocorrido o acidente com o Césio 137 – material radioativo – em Goiânia, o medo quanto à implantação do depósito do lixo atômico deixou a cidade em estado de alerta.

Para Eurípedes Xavier, o papel do movimento estudantil

³⁶ OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 10 de novembro de 2006.

³⁷ XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

foi decisivo para que o depósito de lixo atômico não fosse implantado. Conforme ele, o Norte de Minas, que nunca era escolhido para sediar coisas boas, havia sido escolhido logo para sediar um depósito de lixo atômico.³⁸ Nesse mesmo sentido, Márcia Xavier, quando perguntada sobre se havia algum discurso preservacionista no momento, disse que:

nós não queríamos o lixo aqui, então não existia nem essa identificação de que não pode ser em lugar nenhum, né. Apesar que alguns faziam esse discurso. Então era muito no sentido do bairrismo mesmo. Aqui? Não! Aí não existia essa compreensão, eu acho que ela foi se formando depois.³⁹

As opiniões de Lipa Xavier e Márcia Beatriz são inspiradoras para analisarmos o ocorrido. Um grupo de estudantes falou, oportunamente, que se opunham ao depósito de lixo atômico, mas em relação à sua instalação em Montes Claros, e não no sentido da preservação e respeito à natureza, de oposição à existência de lixo atômico e de posicionamento contrário à instalação de um depósito de lixo atômico em qualquer lugar que fosse.

A fala de Márcia Beatriz nos oferece a oportunidade de pensarmos um pouco sobre a consciência na história, principalmente com a utilização das fontes orais. A partir de sua trajetória e experiências, a entrevistada, ao interpretar hoje o movimento, percebe que naquele momento não concebia e muito menos identificava um movimento de preservação à natureza. Segundo ela, o movimento era bairrista, no sentido de que “Aqui? Não!”. Na atualidade ela reinterpreta o que viveu e tem consciência de que o movimento não foi preservacionista, mas que essa ideia possa ter se formado depois. A fonte oral permite ao entrevistado relembrar o vivido e reavaliar ações passadas atribuindo novos

³⁸ XAVIER, Eurípedes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

³⁹ XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

sentidos ao ocorrido.

Não obstante, essa constatação, é preciso tomar nota de que nos anos 80 o debate em torno das lutas preservacionistas ganhou gradativamente espaço na agenda do movimento estudantil nacional. O que seria um campo fértil para a profusão e disseminação de memórias que indiquem um discurso engajado em preocupações ecológicas.⁴⁰ Javier Alfaya, em entrevista ao Projeto Memória do Movimento Estudantil Brasileiro, comenta a respeito desse momento, e diz que após

a anistia, em 1979, com a chegada de muitos exilados que vinham de outras experiências, principalmente das experiências de luta libertária, da luta progressista de esquerda, pós-1968 da Europa, esses elementos – como a preocupação ambientalista, a luta pela igualdade entre homem e mulher – se incorporam ao ideário da esquerda brasileira de uma forma mais ofensiva, muito mais afirmativa do que era antes, menos careta também, digamos assim. A luta pela liberdade de expressão sexual veio com essa geração do exílio na Europa.⁴¹

Desse modo, o fim da Ditadura Militar – “inimigo comum” aos estudantes, que os unia em torno de um objetivo comum – afetou diretamente o ME. Os estudantes que lutaram contra a Ditadura, após o período em que sofreram perseguições, passaram a não ter um inimigo comum com o fim do militarismo. Foi a partir daí

⁴⁰ Para Fátima Aparecida Greco, enquanto nos anos do regime militar os jovens buscavam espaços de sociabilidades culturais devido à repressão, nos anos 80, com o clima de abertura política, tal categoria passou a esboçar significativas mudanças. Conforme ela, “agora, os jovens dos anos de 1980 sentem-se atraídos pelos novos espaços de sociabilidades para expressar o sentido de suas inquietações e das suas condições de vida”. GRECO, Fátima Aparecida. *Cultura juvenil: símbolos, estilos e identidades entre utopias e distopias. Cadernos de História*. Uberlândia: EDUFU, n.12/13, v.1 – 2004 – 2005, p.180.

⁴¹ Entrevista com Javier Alfaya disponível no site: www.mme.org.br. (acessado dia 16 de agosto de 2006).

que os estudantes se envolveram em novos espaços de luta, em especial nos novos movimentos sociais, pois naquele momento não fazia sentido aventurar-se novamente em um projeto de revolução armada.

Um desses novos movimentos sociais em que houve participação dos estudantes foi o ambientalista. Javier Alfaya, em entrevista ao Projeto do Movimento Estudantil Brasileiro descreve a importância que o movimento estudantil teve para os movimentos ambientalistas que surgiram nesse momento:

E, é claro, as lutas preservacionistas também foram criando um caldo de cultura a partir [...] do movimento estudantil. O que é hoje o movimento ambientalista brasileiro tem sua raiz no movimento universitário e em pessoas que, tendo saído do movimento estudantil e se interessado por fazer arquitetura, biologia, acabaram depois da universidade se tornando a geração de ambientalistas do Brasil.⁴²

É, pois, notório que não houve um movimento genuinamente preservacionista em Montes Claros. Um discurso genérico inspirado no que acontecia no cenário do movimento estudantil, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, poderia não levar em conta essa especificidade do movimento estudantil vivenciado na cidade.

Ao fim, com a mobilização de todos os segmentos da sociedade, o projeto foi barrado. A participação estudantil foi tão marcante que o DCE ganhou o prêmio “Sol” de destaque daquele ano de 1987, pela interferência contra o depósito de lixo atômico. Com essa bandeira de luta, os estudantes transitaram por diferentes espaços na sociedade montes-clarenses, pois essa reivindicação condizia com os interesses da cidade como um todo. Os jornais publicizaram as ações dirigidas pelos estudantes nesse momento, dando voz e vez ao movimento estudantil. Apesar dessa

⁴² Entrevista com Javier Alfaya disponível no site: www.mme.org.br. (acessado dia 16 de agosto de 2006).

aproximação, os deslocamentos ganharam forma e consistência quando os objetivos não confluíram para a mesma direção. Esta foi uma marca distinta das relações entre os estudantes e os demais sujeitos que viviam na cidade: a negociação e o conflito. O interesse foi a palavra chave para entender as configurações que articulavam as experiências vividas na cidade.

Considerações finais

Os estudantes *movimentavam-se na cidade*, andando pelas ruas, bares, instituições, associações, entidades, escolas, faculdades e bairros e, nesse trânsito, eles também *movimentavam a cidade*, deixando marcas de sua presença quando realizavam manifestações, criticavam representantes do poder local, promoviam eventos de cunho esportivo e cultural, construíam alianças, compromissos, afinidades e falta de afinidades. Nesse traspasse, eles se constituíram historicamente como militantes e sujeitos com direitos, sendo que muitos deles ainda hoje militam em outros movimentos, como pelo direito dos professores e das mulheres, dentre outros. Essas trajetórias reportam-se à participação de muitos estudantes em grupos de jovens da Igreja, associações de bairro, grêmios estudantis, partidos políticos, “teatro de rua”, grupos ligados à produção artística, redação de jornais, entidades de representação secundarista e universitária, dentre outros espaços.

Na realização deste trabalho, nos embasamos na História Social, por isso não podemos deixar de fazer referência ao texto “A história após a crise de 1989”, de autoria do historiador Josep Fontana, em que o autor expõe o giro linguístico do social para o cultural que ocorreu nos idos de 1989. Conforme o autor, depois de 1989,

a demolição dos regimes do leste europeu não significou o fim desta guerra de idéias, mas pareceu o momento adequado para fundamentar um novo e duradouro consenso que devia deixar firmemente assentada a convicção de que toda tentativa de

subverter a ordem estabelecida era inútil, que toda revolução – fosse a francesa de duzentos anos atrás ou a soviética de 1917 – acabava convertendo-se num fracasso sangrento.⁴³

Fontana ressalta que, nesse momento, foi divulgada a ideia produzida por Francis Fukuyama de “fim da história”, reforçando a impressão do fim dos movimentos coletivos. Esse panorama levantado pelo autor nos leva a pensar a historiografia também como um lugar de luta política, sendo que se constitui para o historiador o desafio de pensar os temas que abordar fora de pressupostos que possam engessar o resultado do seu trabalho, pois certas agendas historiográficas já oferecem respostas fáceis e comumente aceitas em muitos lugares.

No que toca aos movimentos sociais, o sociólogo Rudá Ricci, integrante do Fórum Brasil de Orçamento e do Observatório Internacional da Democracia Participativa, em seu blog, publicou o artigo intitulado “O fim da era dos movimentos sociais brasileiros”. Esse artigo provocou o maior *frisson* na academia, tanto que em seu blog várias pessoas postaram mensagens, concordando e, principalmente, discordando dele. O autor, além de apontar o fim da era dos movimentos sociais, afirmou que o Movimento dos Sem Terra está se isolando.⁴⁴ A premissa de movimento social apontada pelo autor passa pela entidade e parece não sair dela, o que emperra a visualização de um movimento aberto que aponte para diferentes formas de luta cotidiana enfrentadas pelos sujeitos sociais na disputa pelo direito à cidade.

Dessa forma, acreditamos que o livro “Quando novos personagens entraram em cena”, de Eder Sader é seminal para esse debate. Enquanto diversos autores estavam preocupados

⁴³ FONTANA, Joseph. A história após a crise de 1989. In: *História depois do fim da história*. Bauru:EDUSC, 1998, p.17.

⁴⁴ RICCI, Rudá. *O fim dos movimento sociais brasileiros*. In: <http://www.viomundo.com.br/voceescreve/ruda-ricci-o-fim-da-era-dos-movimentos-sociais/> (acessado dia 13 de janeiro de 2010). Atualizado e publicado em 20 de outubro de 2009.

com a oposição, por parte de grupos, entidades e associações conhecidas nacionalmente, à Ditadura Militar, Eder Sader, foi ao enalço de como os trabalhadores e trabalhadoras da grande São Paulo, nos anos 1970, estavam sobrevivendo, instituindo e constituindo formas de luta cotidiana na busca pelo direito à cidade. Práticas e presenças que à princípio pareciam sem qualquer teor político puderam ser vistas como inundadas de tom reivindicatório e constituíram o enredo da luta pela cidadania e pela democracia.⁴⁵

Na realização desta pesquisa, inicialmente, procuramos ir ao enalço de ações estudantis que não estivessem sob o escopo da entidade estudantil, procurando perceber a amplitude do movimento estudantil. No entanto, as fontes encontradas de alguma forma ou de outra sempre nos levavam a uma entidade, o que nos levou a rever esse suposto que por algum tempo nos impedia de perceber a vitalidade e força da organização estudantil naquele momento. A volta aos arquivos e a releitura constante das fontes nos levaram a perceber a relevância dos movimentos coletivos naquele período, e como eles eram importantes como forma de atuação e luta política.

Para pensar esse momento, acreditamos que as movimentações empreendidas pelos estudantes em Montes Claros não se constituíam apenas de entusiasmo e romantismo, mas suas reivindicações expressaram desejos, valores e projetos que, em seu conjunto, no trânsito pela cidade ao ocupar diversos espaços, expressavam, constituíam e instituíam o enredo das lutas pela democracia e pela cidadania.

Recebido em agosto de 2010
Aprovado em outubro de 2010

⁴⁵ SADER, Eder *op cit.*